

Dólar segue escalada e supera R\$6,09, apesar de intervenção do BC

Mercados Autoridade faz leilão no câmbio à vista, mas investidor vê risco e pede ainda mais prêmios nos juros futuros; Ibovespa fecha em queda

Atuação do BC não contém piora e dólar fecha a R\$ 6,09

Gabriel Roca e Victor Rezende
De São Paulo

Sem perspectivas de uma arrematação duradoura na trajetória das contas públicas do país, os investidores mantiveram o mau humor na sessão de ontem e os ativos locais registraram um novo dia de forte estresse. Mesmo com a intervenção do Banco Central (BC), que ofertou dólares no mercado à vista, o real voltou a se depreciar. A moeda atingiu seu pior nível de fechamento da história, com o dólar a R\$ 6,09.

Diante da interpretação de que a autoridade monetária busca defender o nível da moeda com sua atuação extraordinária, os juros futuros dispararam 0,65 ponto percentual em vencimentos longos da curva. O Ibovespa caiu ao menor nível desde junho. O pessimismo dos agentes financeiros com a situação fiscal do país não teve alívio no início dos negócios e os ativos já abriram o dia pressionados. Neste contexto, o BC anunciou, durante a manhã, uma nova venda momentaneamente das máximas do dia, o mercado voltou a incorporar nos preços uma piora na percepção de risco, que acabou transferida, em grande parte, para o mercado de juros futuros.

Nas últimas duas sessões, o BC vendeu US\$ 2,47 bilhões e, mesmo assim, o real sofreu forte desvalorização. Desde quinta-feira, houve a colocação de mais US\$ 7 bilhões em leilões de linha, aqueles em que há venda de dólares com compromisso de recompra e que, por

isso, não costumam influenciar a cotação da taxa de câmbio.

O dólar encerrou o dia negociado a R\$ 6,0942 no mercado à vista, em alta de 0,99%, próximo da máxima (R\$ 6,0980), em novo recorde nominal de fechamento. E, após o fechamento dos negócios à vista, o dólar futuro exibiu deterioração adicional e fechou em alta de 1,83%, cotado a R\$ 6,1580.

"Estamos na porta da dominância fiscal. O pacote, como um todo, decepcionou e, com um déficit nominal de quase 10% do PIB, que é um número que assusta os agentes só vem uma saída: uma inflação média mais alta. Isso fez com que o mercado estressasse", diz o sócio e diretor de investimentos (CIO) da Armor Capital, Alfredo Menezes. Ele lembra que o último trimestre de ano costuma ser negativo para o câmbio, mas avalia que as questões fiscais são as responsáveis, em boa parte, pelo dólar ter superado a marca de R\$ 6.

O gestor diz que a atuação do BC no câmbio foi uma surpresa, especialmente com os leilões de dólar "spot". "A gestão atual [do presidente Roberto Campos Neto] sempre falou que só atua em função de um mercado disfuncional e sempre deu preferência para atuar via swap. Se tiver saída de dólar no mercado à vista, o leilão de linha pode suprir essa demanda. Por isso, me impressionou ele atuar no mercado à vista. Se existe uma saída significativa, talvez a melhor coisa seja fazer oferta de swap para não queimar reserva e ter o mesmo efeito no preço da moeda", afirma. Na avaliação de Menezes, é preciso ter cuidado com a velocidade com a qual se "queima" as reservas para segurar o câmbio.

O sócio e gestor de renda fixa da Assent 1, Norberto Alves, chama a atenção para o fato de a decisão dura do BC, anunciada na semana

passada, não ter trazido os efeitos esperados nos mercados. "Temos sido bem cautelosos e operado na ponta mais pessimista. Enquanto o Executivo não entender a gravidade da situação fiscal, não enxergamos como o mercado vai voltar a melhorar", aponta.

Segundo ele, mesmo a aprovação do pacote de medidas pelo Congresso não será suficiente para reverter a piora dos mercados de forma duradoura. Isso porque, ainda que a aprovação possa dar fôlego ao arcabouço nos próximos dois anos, não fará com que a razão dívida-PIB se estabeleça no longo prazo. "Isso justifica nossas posições ainda pessimistas com o Brasil e expressamos isso em uma posição comprada em dólar", afirma.

Os efeitos da intervenção no câmbio foram imediatamente sentidos na curva de juros. A taxa do contrato de Depósito Interfinanceiro para janeiro de 2027 subiu de 15,06% do ajuste anterior para 15,52%, e o DI para janeiro de 2029 foi de 14,62% para 15,27%.

"Enquanto o Executivo não entender a gravidade da situação fiscal, não há como o mercado melhorar"
Norberto Alves

"Quando o BC tenta atuar no câmbio para a depreciação da moeda, é de se esperar que os players expressem suas visões pessimistas por meio de outros ativos. Foi um exemplo clássico disso. Os juros estavam subindo 20 pontos-base antes da intervenção e chegaram a subir 70 pontos nas máximas do dia. A atuação do BC não está sendo suficiente para conter a apreciação do dólar. Não estão conseguindo conter a piora do mercado", afirma Alves.

Menezes diz que o segmento de juros tem se mostrado mais frágil. "Por mais que o mercado possa achar a alta exagerada, não tem disposição para apostar a favor. Os multimercados ficaram muito machucados, a insegurança é grande e o Tesouro não tem tanta folga de caixa para atuar. O prejuízo do mercado é muito grande. Enquanto não tivermos uma luz no cenário, a situação do Brasil continuará a ser muito frágil. Acho que o dólar só não subiu mais porque o BC está intervindo bastante", diz o sócio da Armor.

Segundo o gestor de renda fixa da Porto Asset, Gustavo Pi Okuyama, com a projeção de inflação do Banco Central em 4% no horizonte relevante de política monetária, há a sensação de que há mais espaço para os juros subirem.

"Quando o BC mostra uma inflação de 4% no horizonte relevante, isso enseja uma Selic de 17% ou 18%. Acaba levantando a hipótese



Menezes, CIO da Armor Capital: Decepção com o pacote fiscal coloca Brasil "na porta da dominância fiscal"

de que, quando você olha o que está precificado que está em torno de 15,5%, parece que tem pouco prêmio. O BC falou que o juro vai chegar em 14,25%, mas, pela projeção dele, há uma indicação de mais Selic. Isso acaba deixando um juro mais pressionado", afirma.

Na visão de Okuyama, o mercado tampouco tem dado o benefício da dívida para o BC e ontem houve uma transferência clara nos prêmios de risco do dólar para o mercado de juros após a atuação da autoridade. "Houve a percepção do mercado de que o BC talvez esteja querendo segurar o nível e não só querendo dar uma estabilização para o câmbio", afirma.

O mercado ainda aguarda algum sinal mais concreto no lado fiscal, enquanto monitora as perspectivas de aprovação do pacote de revisão de gastos e das leis orçamentárias no Congresso Nacional ao longo da semana. Ontem, inclusive, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, afirmou que Lula pediu para que as medidas fiscais não fossem desidratadas.

O Ibovespa também acabou afetado pela deterioração do cenário doméstico e fechou o dia em queda de 0,84%, aos 123.560 pontos. As maiores perdedoras do dia foram as ações ligadas à economia doméstica, que foram impactadas pela disparada dos juros futuros. Assaf ON recuou 6,09% e Magazine Luiza caiu 5,37%.

O cenário externo também acabou voltando ao radar com declarações do presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump. Ele afirmou, em um discurso feito de seu resort de Mar-a-Lago, que o Brasil está entre os países que taxam muito os produtos americanos e está sujeito a retaliações, também em forma de tarifas, em seu futuro governo. "Há países que nos taxam muito, como é o caso do Brasil", disse Trump. "Quem nos taxar, taxaremos de volta. Tarifas farão nosso país rico", acrescentou.

Foi a primeira vez, desde que venceu a eleição de 5 de novembro, que Trump mencionou explicitamente o Brasil como alvo de suas ameaças de aumento de tarifas. Ele tem dito, genericamente, que pretende ampliar em 60% as tarifas sobre produtos chineses e aumentar a alíquota de importação, em diferentes níveis, para os demais países do globo. (Colaboraram Gabriel Caldeira, Bruno Furlani e Maria Fernanda Salinet)

Dólar mercado

Cotação - em R\$/US\$



Juro futuro

DI-jan/29 - em % a.a.



Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Finanças Caderno: C Página: 1